



RESENHA

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020. 224 p.

Rafael Vinicius Costa Corrêa
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
rafaelvcorrea@outlook.com.br

Ao pensarmos no ensino de literatura e em suas múltiplas problemáticas contemporâneas, o nome de Rildo Cosson surge como um dos principais autores a levantar desafios e sugerir possíveis caminhos para essa tarefa hercúlea. Seu último livro *Paradigmas do ensino de literatura* (2020) oferece um desfecho a um ciclo de publicações do autor que conta com outras duas obras essenciais na discussão da literatura nas escolas brasileiras, os livros *Letramento literário: teoria e prática* (2006) e *Círculos de leitura e letramento literário* (2014). O primeiro trata o ensino de literatura “[...] em seu aspecto mais básico ou imediato, que é a prática da sala de aula” (2020, p. 8), já o segundo procura abordá-lo “[...] para além da singularidade da sala de aula de literatura, pois o objetivo maior é mostrar como a matéria da literatura pode ser integrada no ambiente escolar” (p. 8). Por fim, seu último lançamento tem por objetivo contextualizar as principais ideias e conceitos que perpassaram a educação literária no Brasil, desde a chegada dos jesuítas ainda no século XVI até as concepções mais atuais acerca da literatura e de como o trabalho com ela em sala de aula transcorre. Nessa contextualização, o autor apresenta as principais bases desses ensinamentos, suas críticas e a disputa entre eles pelo espaço na educação brasileira.

O livro se organiza em seis capítulos, mais uma introdução e conclusão, que procuram abordar os principais paradigmas do ensino da literatura na história da educação brasileira. Tais paradigmas tomam como base pesquisas recentes no Brasil e exterior que buscam compreender os principais conceitos e formas que a educação literária tem adquirido. Ao basear-se nessas pesquisas, Cosson realiza um trabalho preciso e sistemático em sua análise e estende suas classificações de modo a abarcar de maneira mais ampla as especificidades do sistema brasileiro de educação. Além das pesquisas citadas são várias as fontes usadas durante o texto, desde documentos oficiais, passando pela análise de materiais didáticos, entre outras referências acadêmicas de pesquisadores e professores envolvidos na área de ensino de literatura.

O autor divide os seis capítulos do livro em dois grupos, um no qual se encontram “[...] os paradigmas tradicionais — *moral-gramatical* e *histórico-nacional* — e outro no qual estão os



paradigmas contemporâneos — *analítico-textual, social-identitário, formação do leitor e letramento literário*” (p. 17). Tais paradigmas são analisados a partir de uma gama de conceitos, adaptados por Cosson com base em pesquisas no campo da educação ou criados pelo próprio autor a partir de seu trabalho, que abordam desde a concepção da literatura até métodos de avaliação usados, passando pelos papéis do professor, aluno e escola, entre outras características importantes na concepção geral desses paradigmas e de seus funcionamentos práticos.

Quanto aos primeiros capítulos, é interessante notar como alguns aspectos desses paradigmas tradicionais, o *moral-gramatical* e *histórico-nacional*, ainda demonstram certa influência no ensino de literatura no Brasil contemporâneo. Apesar de terem deixado de ocupar posições centrais nas escolas, respectivamente, ao final do século XIX e meados do século XX. Algumas características desses dois momentos do ensino, e seus efeitos, perduram até hoje em algumas instituições de ensino básico e superior.

Esses paradigmas tradicionais procuram compreender a leitura literária e o ensino da literatura como meios para um fim. No paradigma moral-gramatical, o que parece ter sobrevivido até hoje é a linha horaciana de unir o útil ao agradável ao fornecer aos alunos lições morais que a escola julgue necessárias através do uso da literatura. Já no paradigma histórico-nacional, o que persisti encrustado nas salas de aula atuais é a compreensão de critérios arbitrários e meramente informativos acerca dos ditos períodos literários, em especial devido à facilidade que tais características fornecem para avaliações escolares. É assaz apontar, entretanto, que tais paradigmas estão cronologicamente distantes de nossa realidade e, portanto, suas características foram diluídas e mesmo misturadas com os outros paradigmas que surgiram com o passar dos anos, o que também não remove deles a influência sobre certas noções transmissivistas de uma educação bancária, ainda comum em muitos lugares.

De acordo com Rildo Cosson, seria na segunda metade do século XX que maiores e mais frequentes mudanças começam a se desenrolar nas concepções dos estudos literários. É a partir do advento das teorias formalistas, da teoria *Queer*, dos estudos de gênero e pós-coloniais, do desconstrucionismo, do pós-estruturalismo, do sociointeracionismo, e de outras vertentes, que aparecem, além de novas perspectivas teóricas para o estudo da literatura, mudanças nos sistemas educacionais. Isso porque essas novas abordagens afetam a noção do ensino da literatura e seriam inspiração, a partir desse período, para os quatro novos paradigmas apontados pelo autor.



O primeiro desses paradigmas, o analítico-textual tem suas bases fundamentadas nos conceitos literários de teorias formalistas, tais como as ideias de análise literária do *new criticism* e dos formalistas russos na primeira metade do século XX. Essas concepções de literatura e, conseqüentemente, sua aplicação no ensino rompiam principalmente com o paradigma anterior que tinha como principal fundamento a abordagem histórica dos textos literários. Cosson comenta a respeito dessa metodologia: “O trabalho analítico se encerra no texto e não vai além dele, porque o fim é a apreciação estética e nada do que está para além do texto” (p.80). Idealmente, elementos históricos sobre a produção e recepção do texto são ignorados nessa concepção, pois seu grande objetivo é a análise da materialidade do texto e das características que o definiriam como literário, portanto, seria papel do professor mostrar aos alunos quais seriam esses aspectos e induzi-los a uma quase imitação de sua análise para a fruição do texto literário. Apesar de lançar luz às especificidades formais do texto literário, a ausência do estudo de elementos extratextuais nesse paradigma acabaria por gerar crescente insatisfação, Cosson (2020, p. 94) afirma:

De um lado, reclama-se que a análise textual, por conta de seu aparato descritivo-técnico, engessa a leitura [...] De outro, a análise textual, por se centrar exclusivamente em elementos linguísticos, perde o contexto da obra e falha em compreender a sua inserção em um horizonte social e histórico que também determina o seu significado.

Dessa forma, somos levados, pelo desenvolvimento argumentativo de Cosson, aos dois próximos paradigmas em questão, que buscam agora um olhar mais atento ao leitor literário, dotado de suas vivências únicas.

Por um lado, o paradigma social-identitário busca equilibrar dois eixos conflitantes na literatura, o estético, segundo o qual os textos considerados literários teriam uma supremacia estética de caráter universal que os tornaria literatura, e o ético, de acordo com o qual “[...] o texto literário é humanizador, produz empatia e influencia o comportamento dos leitores” (p. 99). A atenção se volta às construções sociais e identitárias do texto literário e é possível notar um olhar crítico às obras canônicas não visto anteriormente, como o exemplo dado pelo autor sobre críticas ao livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, em meados de 2010. Todavia, nessa tentativa de equilíbrio, o peso se volta muito mais ao eixo ético, quase que apagando do texto literário qualquer característica própria, relegando-o ao papel de produto cultural, sem distinção entre outras produções culturais como o filme ou a música.



O segundo paradigma que visa romper com o analítico-textual é o da formação do leitor. Não mais com um foco ético sobre a representação social de partes marginalizadas da sociedade, a principal característica desse paradigma é a formação individual de um leitor específico. A literatura estaria na escola por dois motivos principais: por um lado, é por meio dela que “o aluno se desenvolve como indivíduo, ou seja, a leitura dos textos literários proporciona ao leitor experiências que ampliam e aprofundam sua compreensão do viver” (p. 133); por outro lado, ela também “[...] é o instrumento mais eficiente que se conhece para a criação do gosto e do hábito pela leitura” (p.133). Ainda que o foco no leitor e o objetivo de tornar a leitura um hábito corriqueiro aos alunos supra uma necessidade corrente, de acordo com Rildo Cosson, alguns problemas surgem a partir dessa concepção, como a visão de que a ausência de leitores no Brasil está mais relacionada ao trabalho dos professores em sala de aula e sua mediação entre livro e aluno, do que às condições históricas e materiais que estudantes de todo o Brasil precisam enfrentar. A partir desses conflitos, o autor nos introduz o último paradigma do livro.

O paradigma do letramento literário apresenta muitas conexões com as obras anteriores do autor, visto que abordam e buscam definir esse paradigma que procuraria fornecer uma solução aos problemas vistos nas concepções contemporâneas de ensino de modo a balancear a posição social e histórica do leitor juntamente com as características específicas do texto literário. Esse movimento se une a uma corrente teórica crescente que aborda o termo letramento na educação e, conforme demonstrado pelo autor, é um movimento de estudo global que é discutido, sob o nome de *literary literacy*, por autores dos mais variados países desde o final dos anos 1980. O uso desse termo procura sempre distinguir-se do letramento comum ao abordar as especificidades do texto literário, buscando sempre compreender o ensino da literatura, não apenas como o ensino da leitura.

A concepção desse paradigma reside em grande parte na definição do termo letramento literário que consiste, para o autor, em um processo que já está em desenvolvimento antes do período escolar e que continua após esse momento. Cosson ainda afirma: “Trata-se de um processo simultaneamente social e individual, que nos insere em uma comunidade de leitores à medida que progressivamente nos constituímos como leitores” (p. 172).

Com tais definições em mente, a proposta de Cosson, quanto ao letramento literário, procura unir os princípios teóricos vistos e debatidos em paradigmas anteriores em uma prática escolar inovadora no campo de estudo da literatura. Nessa prática, o aluno atua como protagonista no caminho de seu letramento literário, pois a atuação do professor tem por objetivo delinear um



caminho, no qual o aluno terá contato com os textos literários e produzirá um conteúdo a partir desse contato. Guiado por alguns critérios estabelecidos pelo professor, os alunos devem buscar não a reprodução informacional de dados do enredo ou do momento histórico da produção, mas sim produzir um material que indique seu contato com o texto literário e uma busca por novas relações de sentido dentro de um mesmo texto ou mesmo novas relações intertextuais, a depender das obras selecionadas pelo docente.

Os exemplos, dados no capítulo, de como realizar tais atividades e de como obter possíveis resultados são intrigantes e animadores aos professores de literatura, sendo praticamente de leitura obrigatória para repensar os padrões de ensino do ato de ler literatura. Entretanto, não é sem problemas que tal paradigma procura se constituir, pois o autor nos aponta vários desafios que tal concepção de ensino enfrenta, como a resistência por parte de alunos, pais e até mesmo de instituições que não estão habituados ao papel ativo por parte do aluno:

Para a comunidade escola em geral, essas atividades funcionam como uma espécie de interregno que alivia o peso do estudo mais sério e permitem que os alunos “respirem” entre explicações conceituais, memorizações, exercício repetitivos e demais (enfadonhas?) tarefas disciplinares. Nos melhores casos (e nos piores), elas são vistas como uma distração desnecessária ou, mais simplesmente, uma perda do tempo precioso da escola, que deveria ser ocupado com o ensino de saberes formais, úteis e pragmáticos. (COSSON, 2020, p. 208).

Tendo em vista os pontos levantados pelo autor nos vários paradigmas do livro, são muitas as conclusões possíveis para os leitores, tanto no ensino básico quanto no ensino superior. A mais certa, talvez, seja a da importância do estudo e da reflexão contínua em nossa atuação como professores de literatura e tarefa importante de dar prosseguimento ao processo de leitura literária, que por fim, poderá ser o processo de leitura do mundo de nossos alunos. Quanto a essa tarefa, quase à semelhança dos trabalhos de Hércules, temos uma ajuda inestimável nos escritos de Rildo Cosson.

Recebido em: 07 de dezembro de 2020

Aceito em: 08 de dezembro de 2020